

Fernando Pessoa

## Oiço passar o vento na noite.

Oiço passar o vento na noite.  
Sente-se no ar, alto, o açoute  
De não sei que ser em não sei quando.  
Tudo se ouve, nada se vê.

Ah, tudo é igualdade e analogia.  
O vento que passa, esta noite fria.  
São outra coisa que a noite e o vento —  
Sombras de Ser e de Pensamento.

Tudo nos marca o que nos diz.  
Não sei que drama a pensar desfiz  
Que a noite e o vento passados são.  
Ouvi. Pensando-o, ouvi-o em vão.

Tudo é unísono e semelhante.  
O vento cessa e, noite adiante,  
Começa o dia e ignorado existo.  
Mas o que foi não é nada disto.

24-9-1923

**Poesias Inéditas (1919-1930).** Fernando Pessoa. (Nota prévia de Vitorino Nemésio e notas de Jorge Nemésio.) Lisboa: Ática, 1956 (imp. 1990): 52.